

CHARLES BUKOWSKI: UMALENTE HISTÓRICA SOBRE A POESIA DE UM VELHO MALDITO

Ana Carolina Rios Duyprath de Andrade¹

Resumo: O presente artigo explora a noção de história a partir da análise dos poemas de Bukowski. Acredita-se que tal esforço tem validade na medida em que pode fornecer debates das formulações benjaminianas acerca da teoria das ideias da história, a partir dos conceitos históricos propostos por Benjamin para compreender o contexto do pós-guerra norte-americano, berço da obra de Bukowski, para então determinar a trajetória do poeta dentro da literatura. Acompanhar a viagem de Bukowski, de autor marginal a expoente da celebrada cultura *beat*, orientou o curso a ser seguido por este trabalho. O trabalho analisa a construção rebelde, da contracultura, empregados pelo poeta Charles Bukowski em sua obra, indo contra a maré de tradição sociocultural dos anos pós-guerra vivida nos EUA.

Palavras-chave: poesia maldita, Bukowski, contracultura.

Charles Bukowski foi um escritor americano, nascido na Alemanha, que ficou mundialmente conhecido por representar a realidade americana por outro viés, descrevendo o lado sombrio do famoso American Way of Life, expondo os pesadelos escondidos sob o sonho americano. Em seu poema “Dinosauria, We.” (Dinossauria, Nós) é possível observar um traço comum aos poetas malditos: recusa às ideologias instituídas, escrevendo sobre ambientes de drogas, loucura, violência, sofrimento e angústia com os modelos tradicionais da época:

nascemos assim
para hospitais tão caros que é mais barato morrer
para advogados que cobram tanto que é mais barato
[se dizer culpado
para um país onde as cadeias estão cheias e os hospícios fechados
para um lugar onde as massas elevam idiotas em heróis ricos...
(BUKOWSKI,1995, p.247)

¹ MESTRANDA NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA BAHIA. ana.duyprath@hotmail.com.

Bukowski transpõe esse espírito de rebeldia para seu próprio tempo, denunciando a desigualdade presente na sociedade norte-americana, que alardeava um estilo de vida de bonança econômica propiciada pelo capitalismo industrial e financeiro. Para subverter essas estruturas, fez-se necessário o surgimento, nos EUA, de uma literatura que refletisse o espírito rebelde, reflexo da juventude da época, buscando novas formas de expressão literária. A obra de Bukowski rapidamente encontrou seu lugar nessa cepa literária do século XX.

O final da década de 40 foi marcado, para as economias capitalistas avançadas, por altos índices de crescimento de investimento, de produção e de emprego. Nesse momento observou-se o auge da hegemonia norte-americana sobre o mundo capitalista, proporcionando o desenvolvimento econômico com altas taxas de lucro aos EUA e seus aliados, como ensina Belting (2012, p. 87)

Porém a certidão de nascimento da era do pós-guerra, na qual a modernidade recomeçava, não é percebida na Europa e sim nos Estados Unidos. Naquele tempo estava ali amplamente disseminada a consciência de que se batizava uma modernidade própria, norte-americana, e se buscava antes de tudo tomar distância do cenário europeu, no qual seu primeiro ato havia se desenrolado sob circunstâncias dramáticas. (BELTING, 2012, p.87)

A Europa, devastada pela Segunda Guerra Mundial, perdera grande parte de seu poder econômico, e os Estados Unidos emergiram como grande vitorioso do conflito no Ocidente. O país tornou-se dominante na economia e na cultura, e tencionava expandir sua influência, exportando seus modelos econômico e cultural, centrados no capitalismo, como oposição ao outro grande vencedor da Segunda Guerra, a União Soviética.

O tradicionalismo pós-guerra passou a ser apresentado ao mundo como modelo de perfeição, conhecido como *American Way Of Life*, marcando a ruptura com a escassez dos bens materiais para a abundância tecnológica e cultural oferecidos pelo capitalismo como modelo essencialmente norte-americano. Nesse sentido, prossegue Belting:

...e os norte-americanos lembram o momento heroico de seu despertar cultural que de um modo inquietantemente sincrônico coincidiu com a sua ascensão política e econômica à condição de potência mundial – inquietantemente porque se buscavam acontecimentos culturais antes de tudo em si mesmo e não se vê com bons olhos uma dependência determinada exteriormente. (BELTING, 2012, p. 88)

O mito do jovem rebelde, nesta pesquisa, aparece em contraposição ao excesso de “perfeição” oferecida pelos EUA nesta época da história. Fez-se necessário ao jovem rebelde ir contra todo o mar de ideologia perfeita da época para que fosse possível a criação de uma identidade diferenciada. A rebeldia aparece nas culturas em vários momentos: social, na política e culturalmente. Neste trabalho, ela nos interessa, também, como crítica à civilização capitalista moderna. Crítica ao consumismo, que o novo modelo tradicional, baseado no capitalismo industrial-financeiro, equacionava o sucesso e a felicidade à abundância de bens materiais e à necessidade e uniformização cultural, oferecidos pelos EUA.

O rebelde pode ser considerado como aquele que subverte o “intelectual típico de gabinete”, marcando assim a literatura norte-americana. A vida e a obra dos autores estavam relacionadas, transformando suas obras no reflexo direto daquilo que estava acontecendo. Ser um rebelde estava diretamente ligado com a transgressão social, não necessariamente de forma física, mas transmitindo na literatura uma marginalidade social, ser oposto ao que era visto como correto.

Bukowski, aqui analisado a partir de seus poemas, apresenta tudo que pode ser relacionado com o mito do jovem rebelde, que atua diretamente na criação da contracultura, se oponto aos padrões conservadores. Sua obra reflete a necessidade do reconhecimento dessa juventude. Sua escrita engloba vários aspectos da escrita beat, embora o próprio poeta, em alguns de seus escritos, pareça disputar essa afirmação. Essa recusa de Bukowski ao próprio rótulo de poeta rebelde, como pode ser observado em seu poema “Oh, nós somos os párias”:

(...) ah cristo, os escritores são de todos os toscos
os mais repugnantes!
com dentes amarelados, os ombros caídos,
covardes, pulguentos e
óbvios... em quartinhos improvisados

com seus corações lânguidos
eles nos contam
o que há de errado com o mundo –
como se não soubéssemos que um cassete de policial
pode partir um crânio
ou que a guerra é um jogo mais sujo que
o casamento(...)
(BUKOWSKI, 2012, p.119)

O jovem rebelde criou seus próprios movimentos, como o movimento *hipster*, o movimento beat, o movimento negro, o movimento punk, o movimento feminista, entre outros. Importante destacar que a rebeldia não é um monólito. As diversas encarnações do rebelde, manifestas através de obras, movimentos e autores múltiplos, por vezes, podem apresentar conflitos e contradições entre si. O rebelde em Bukowski critica a sociedade capitalista do pós guerra, e critica também os próprios movimentos artísticos, como visto no poema. Não raro, Bukowski critica a si mesmo, e não está imune a críticas de outros transgressores, como o próprio movimento feminista, que posteriormente vem a enxergar nas obras do poeta uma forte carga de misoginia.

A revolta do jovem rebelde dialoga com a necessidade da expressão autoral: colocar no poema suas angústias, suas necessidades e suas indignações. No poema “Conselho de Amigo para Muitos jovens”, Charles Bukowski deixa claro que não se deve fazer poesia. Há uma negação e um ataque direto à instituição da escrita como uma grande falácia. Algo que não deve ser feito:

Vá para o Tibete.
Viaje de camelo. Leia a Bíblia.
Tinja de azul seus sapatos.
Deixe crescer a barba.
(...)
Escove os dentes com gasolina.
Durma o dia todo e sua em árvores à noite.
Seja um monge e beba chumbo grosso e cerveja.
Fique com a cabeça debaixo d’água e toque violino.
Faça dança do ventre diante de velas cor-de-rosa.
Mate seu cão.
Candidate-se para prefeito.
More num barril.
Arrebente sua cabeça com um machado.
Plante tulipas na chuva.
Mas não escreva poesia.
(BUKOWSKI, 2012, p.137)

Negar e enaltecer a poesia simultaneamente é reflexo da rebeldia pós-moderna. De acordo com Hutcheon (1991), o próprio pós-moderno é contraditório e subversivo, empregando os próprios conceitos que questiona, caracterizado pelo declínio da hegemonia burguesa e advento da cultura de massa.

O próprio Bukowski nasceu em um contexto familiar pequeno-burguês, capturado pelas falácias do sonho americano. Diante de um ambiente familiar hostil, com pai militar e mãe submissa, Bukowski cultivou, em seus anos formativos, um arsenal de ódio e insegurança, como pode ser observado em sua obra autobiográfica, em entrevistas e cartas que enviava aos amigos. Sua infância foi triste e difícil, sendo proibido de se misturar com outras crianças, pois seus pais consideravam-se melhores do que a vizinhança onde moravam. Bukowski também foi afastado de outras crianças por dislexia, como pode ser observado no poema “education”, sua mãe chorou quando a escola informou o problema, pois ficou com medo da reação do pai de Bukowski com o problema:

“ah, Henry, disse minha mãe,
“seu pai está tão desapontado com
você, não sei o que vamos
fazer!”
pai, disse minha mente,
pai e pai e pai.
palavras assim.
decidi não aprender nada
naquela
escola.
mamãe caminhava ao meu lado.
ela era um zero à esquerda.
e eu tinha dor de barriga e até
as árvores no caminho
não se pareciam tanto com árvores
e sim com tudo mais.
(BUKOWSKI, 2016, p.28)

Durante os estudos na Virginia Road Elementary, apanhou pela primeira vez após ter sido mandado para casa com um aviso que havia brigado na escola. As punições aumentaram depois do ocorrido. “Minha bunda e o dorso das minhas pernas eram uma massa só de marcas e machucados. [...] Tinha que dormir de bruços à noite por causa da dor.”(BUKOWSKI, 2012), relata o autor em um dos seus textos autobiográficos. O terror do jovem Bukowski piora quando a família muda para a

2122 Longwood Avenue, chamada por Bukowski de “A casa da agonia, a casa onde quase fui liquidado”. Em um dos episódios de espancamento, Bukowski conta que o pai ordenou que o garoto cortasse a grama de frente para trás e vice-versa, de modo que não sobrasse um fio maior que o outro. Após encontrar um fio de grama diferente dos demais, o pai ordenou que o rapaz fosse para o banheiro e tirasse as calças e as cuecas. O pai pegou a correia de couro que ficava do lado do espelho e bateu. Esse foi o início das inúmeras vezes que o garoto foi espancado por motivos aleatórios ao ponto de ter decidido não mais gritar durante o espancamento. Na biografia intitulada “Vida e Loucuras de um Velho Safado, Howard Sounes(2016) coloca que após inúmeros episódios de agressão doméstica, Bukowski começou a falar devagar, pensando muito para não aborrecer o pai, isso aos seis ou sete anos de idade. Em dias que recebia até quatorze chicotadas, o garoto conseguia ver sua mãe parada, estática, apenas observando o espancamento sem uma palavra ou abraço no filho: o que fez com que Bukowski perdesse todo respeito e afeição por ela. A crueldade paterna e o descaso materno moldaram a personalidade de Bukowski. Aos treze anos, o jovem Bukowski foi marcado por uma acne que parecia mais furúnculos “do tamanho de maçãs”, como dizia. Podiam ser vistas em cada superfície e em cada centímetro do seu corpo. Os furúnculos precisavam ser perfurados com uma agulha elétrica e drenados para remoção de pus e sangue. Seus pais não demonstravam compaixão pelo garoto. O sentimento era de repulsa. Em janeiro de 1936, Bukowski concluiu o ensino fundamental na Mount Vernon Junior High, chegando a ter uma menção na revista infantil *Minute Man*. Em poucos meses, a maioria dos pais da vizinhança estavam sem emprego. Privados da virilidade que o emprego lhes dava, perderam o respeito dos filhos, seguido de uma vida miserável. Um clima de estagnação assolou a vizinhança, inspirando um dos poemas mais memoráveis da infância de Bukowski: “we ain’t got no money, honey, but we got rain”:

os desempregados,
fracassos em dias fracassados
estavam presos em suas casas com suas mulheres
e filhos
e os
bichos.
os bichos não saíam por nada

e largavam seu lixo em lugares estranhos.
os desempregados ficavam loucos
trancados com
sua outrora belas mulheres,
tinham brigas terríveis
ao verem a hipoteca executada na caixa do correio.
(BUKOWSKI, 2016, p.34)

Em um contexto marcado por refeições improvisadas, com feijão em lata, salsichão e pasta de amendoim, a família de Bukowski quase perdeu a própria casa. Seu pai fingia que ainda tinha emprego, saindo todas as manhãs e andava pelas ruas até as cinco da tarde, quando voltava para casa. Bukowski sabia que era mentira e achava patético. “Via criminosos como John Dillinger, Machine Gun Kelly e Pretty Boy Floyd como heróis, homens que não tinham medo de tomar para si o que queriam. Sempre admirara homens fortes, desde escritores como Hemingway até lutadores premiados e jôqueis campeões, homens que via como a antítese de seu deplorável pai.”, coloca Sounes(2016). A acne e o tratamento intensivo fizeram com que Bukowski fosse dispensado do primeiro semestre escolar no ano de 1936. Foi então que o autor começou a frequentar a biblioteca pública. Em um ambiente onde se falava o tempo todo sobre a guerra na Europa e em alistamento no Exército, Bukowski chegou a se posicionar em defesa do nazismo. Mais tarde, fez um poema, “What will the neighbors think?”, se desculpando e disse que apenas gostava de controvérsias:

...não me alinhava
a nenhum grupo
ou ideologia.
na verdade a ideia de
vida e pessoas
era repulsive
mas era mais fácil
filar drinques da
direita
do que das coroas
nos bares.
(BUKOWSKI, 2016, p.41)

Influenciado pela poesia de Walt Whitman e Robinson Jeffers, Bukowski enxerga a poesia como a maneira mais curta, bonita e explosiva de expressar o que sente. Seus poemas são interessantes no sentido que tratam das lamúrias de um cotidiano banal, repleto de desgostos, sexo, violência e bebida. Dois dos seus poemas

iniciais foram publicados pela revista Matrix, Filadélfia, em 1946. Em um desses poemas, “Suave e opulenta como rosas no verão”, é possível observar como o autor descrevia a realidade do cotidiano vivido pelos homens da época:

Rex era um homem forte
Que bebia como um peixe
E parecia uma gárgula púrpura
Casou com três mulheres
Até achar a certa.
E gritavam atrás de gim barato,
Eram desamparados
E contentes.
e eram temidos pelo senhorio.
Ela gritava muito
E ele ouvia entediado,
E a acalmava com as palavras certas.
E lá vinha ela de novo.
Era uma boa vida.
Suave e opulenta como rosas no verão.
(BUKOWSKI, 2016, p.49)

O que se pode inferir a partir desse poema e de outros trabalhos seus é que mesmo descrevendo um cotidiano social sem perspectiva nenhuma, Bukowski era o tipo de autor que reconhecia quão miserável era aquela realidade, mas ainda assim fazia questão de deixar claro que era uma realidade possível de conviver. Há uma simplicidade na escrita do autor, que quase nunca segue o padrão canônico estabelecido para fazer poesia. Simplicidade que cativa, convence e insere o leitor na vivência do autor. Usando palavras de fácil entendimento, Bukowski descreve o mundo corrupto e decadente em que viveu.

Após a Segunda Guerra Mundial, houve um período de profundas transformações na vida e na mentalidade do povo norte-americano. A juventude dessa época não concordava com as mudanças ocorridas no país e em como essas mudanças afetaram diretamente a sociedade da época. E justamente nesse período de transição que ocorre um desejo de expressar-se dentro da realidade norte-americana, dialogando com a identidade nacional.

Em seu livro *The culture of Complaint* [Cultura da Reclamação], Robert Hughes reconduz a cultura norte-americana às suas raízes, muito diferentes daquelas da modernidade europeia, e analisa a modernidade como um corpo estranho nos Estados Unidos, por maior

que tenha sido a contribuição norte-americana a esse projeto: precisamente o perfil internacional que encontrou compreensão apenas em poucas metrópoles desperta agora tanto mais resistência quanto mais a reamericanização da cultura agita os ânimos. (BELTING, 2012, p.93)

Belting coloca que houve uma necessidade de criação artística nacional que servisse como representação do que estava acontecendo. Para melhor compreender a poesia de Charles Bukowski e seu papel como crítica do pós-guerra, este artigo se propõe a investigá-la sob a luz dos conceitos benjaminianos acerca da história.

Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso. (BENJAMIN, 1985a, p.226)

Um ponto chave para nossa análise dos poemas de Bukowski é o olhar de Benjamin sobre a dominação histórico-cultural a partir da ótica da classe dominante. Bukowski nos serve como esse anjo da história que faz de sua poesia uma denúncia, um relato, e ainda assim, tendo a poesia rebelde como uma forma de viver. Suas Teses Sobre o Conceito de História foram escritas em 1940, pouco depois do Pacto Germano Soviético de 1939 e pouco antes de Benjamin se suicidar; e é ali que ele propõe um modo inovador de narrativa histórica, que deveria ser o novo paradigma para uma nova historiografia.

Ao longo das Teses, Benjamin faz uma reflexão crítica sobre o discurso até então corrente de história. Em dezoito aforismos permeados de alegorias, Benjamin deixa o lastro de suas concepções acerca da história. O historiador deve proceder com os fragmentos da história. E isso não quer dizer que o historiador seja arbitrário ao propor esses sentidos, pois essas proposições devem seguir um critério que se coloca como necessário: o historiador deve buscar resgatar as perspectivas daqueles que “fracassaram” ao longo da história, os vencidos.

Ao mesmo tempo, Benjamin propõe um olhar crítico que procura construir a história tendo consciência de que o processo de transmissão de cultura é tomado pela perspectiva dos que venceram, algo que é preservado de geração para geração. Assim, embebido pelo materialismo histórico, Benjamin propõe que se busque, na pesquisa histórica, resgatar a vivência daqueles que foram vencidos, se distanciando dos documentos de cultura, já que estes nada mais seriam do que documentos de barbárie:

Nunca houve um documento da cultura que não fosse também um documento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se afasta, se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo (BENJAMIN, 1985, p. 225).

Com isso, Benjamin afirma que nenhuma obra nos chega de maneira neutra, como se a tradição histórica fosse um mero depósito de produtos prontos, que esperam imóveis nas gavetas empilhadas do tempo. A obra é transmitida até nosso presente, ou então deixada de lado, negligenciada, recusada ou esquecida num processo nem sempre consciente, de formação e aceitação de uma tradição histórica, em um processo de lutas histórico-políticas. Para que se “escove a história a contrapelo”, como diz Benjamin, é preciso que o historiador tenha em vista sua posição, ação e influência no presente. Isso confere a Benjamin, uma concepção de passado distinta daquela apresentada pelo historicismo. Benjamin propõe, então, uma reconstrução do passado, não resgatando os eventos ocorridos como “de fato” foram, mas sim como são vistos a partir do momento presente. “Nada do que algum dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história” (BENJAMIN, 1985, p. 223).

Benjamin busca salvar o passado, no presente, graças a uma percepção que transforma o próprio passado, na medida em que este assume uma nova forma (que poderia ter sido enterrada pelo esquecimento). O presente é alertado por este apelo passado.

Para analisar a importância dos escritos de Charles Bukowski para a noção de história, é necessário que façamos uma breve introdução da noção de história utilizada neste trabalho. Walter Benjamin, na segunda Tese da obra já mencionada, diz:

Essa reflexão conduz-nos a pensar que nossa imagem da felicidade é totalmente marcada pela época que nos foi atribuída pelo curso da nossa existência. A felicidade capaz de suscitar nossa inveja está toda, inteira, no ar que já respiramos, nos homens com os quais poderíamos ter conversado, nas mulheres que poderíamos ter possuído. (BENJAMIN, 1985, p.224)

Benjamin, nesta passagem, nos mostra que a noção de história e a felicidade do sujeito está diretamente ligada ao tempo, à época em que este sujeito está inserido. E neste capítulo abordaremos como Charles Bukowski nos apresenta uma versão totalmente oposta ao que nos foi vendido por anos: a felicidade norte-americana imposta pelo American Way of Life. E que não era para todos.

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso. O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. (BENJAMIN, 1985a, p.224)

Benjamin, neste texto, trata a noção do entendimento da história como uma versão. E como o próprio autor argumenta, existe um conhecimento histórico feito por dominantes e para dominar. E conhecer essa versão histórica não significa conhecer “como ele de fato foi”, como o próprio Benjamin coloca.

A natureza dessa tristeza se tornará mais clara se nos perguntarmos com quem o investigado historicista estabelece uma relação de empatia. A resposta é inequívoca: com o vencedor. Ora, os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores. Isso diz tudo para o materialismo histórico. Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses despojos são o que chamamos de bens culturais. (BENJAMIN, 1985, p.225)

É possível observar que há uma necessidade de ver o contexto pós-guerra a partir da ótica dos esquecidos, dos não contemplados pela perfeição que o American Way of Life descreve e vende. São esses “não-vencedores” que nos mostram a face

oculta da história. Os oprimidos nos revelam que é preciso engendrar uma noção de história que reflita a realidade do sujeito não contemplado pelo ideal de perfeição norte-americana.

REFERÊNCIAS

BELTING, Hans. *O fim da história da arte*. Tradução: R. Nascimento. São Paulo, Cosac Naify, 2012.

BENJAMIN, W. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985a. v.1.

BUKOWSKI, Charles. *Cartas na rua*. Tradução: Pedro Gonzaga. Porto Alegre: L&PM, 2012.

HUTCHEON, L. *Poética do Pós-Modernismo: história, teoria e ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

PAZ, O. *Revolta, revolução, rebeldia*. In: _____. **Signos em rotação**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

PAZ, O. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SAVAGE, Jon. *A criação da juventude: como o conceito de teenager revolucionou o século XX*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009

SOUNES, Howard. *Bukowski: vida e loucura de um velho safado*. São Paulo: Veneta, 2016.